

A ASCENSÃO DA IA NO CAMPO MILITAR

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A corrida armamentista da IA é potencialmente existencial e tem profundas implicações, fazendo com que o Projeto Manhattan pareça insignificante e os debates convencionais sobre segurança nacional pareçam sem sentido.

Embara existam sérios problemas de sustentabilidade econômica, energética e ambiental para o modelo de desenvolvimento da inteligência artificial (IA), ela está se tornando um elemento-chave na competição global pela hegemonia, incluindo suas aplicações disruptivas no campo militar.

Em um artigo datado de 15 de janeiro de 2025¹, foi alertado que “*Biden promove a inteligência artificial apesar dos avisos do Departamento de Energia*”. Pouco antes da ordem executiva do presidente, seu próprio governo soou o alarme sobre o consumo de energia, uso de água e emissões dos *data centers*. O uso de IA não é inofensivo. Tem consequências... tome nota...

O uso crescente de IA em conflitos em grande parte do mundo confirma até que ponto as forças armadas de muitos países estão interessadas em desenvolvimentos militares usando essa tecnologia, mesmo que isso possa ter consequências difíceis de prever e sérias implicações éticas.

O resultado é uma corrida multibilionária por armas inteligentes que está absorvendo gigantes do Vale do Silício, juntamente com indústrias de muitos outros países ao redor do planeta.

¹ Brewster, Freddy. Biden Boosts AI Despite Energy Dept. Warning. *The Lever*, 15 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.levernews.com/biden-boosts-ai-despite-energy-dept-warning/>.

O conflito ucraniano, que foi chamado de “*laboratório de guerra de IA*”, viu a aplicação progressiva do conhecimento civil de IA ao domínio militar, uma esfera que atualmente não é regulamentada.

PALANTIR

Empresas privadas dos EUA, como Palantir e ClearviewAI, tornaram-se participantes importantes no campo de batalha, fornecendo análises de dados para ataques de drones e operações de vigilância e reconhecimento. Por mais de uma década, a Palantir recebeu contratos lucrativos do Pentágono, do Departamento de Segurança Interna e do FBI, enquanto desenvolvia um negócio internacional.

A empresa, fundada por Peter Thiel, Stephen Cohen, Joe Lonsdale e Alex Karp em 2003, testou sua Plataforma de Inteligência Artificial (um sistema de inteligência e tomada de decisão que pode analisar alvos inimigos e propor planos de batalha) no teatro de guerra ucraniano. Este sistema ajuda a decidir onde atacar, com o quê e quando.

Outras tecnologias da Palantir incluem a aplicação de IA ao “policiamento preditivo” (processo de identificação de indivíduos que podem estar envolvidos em atividades criminosas ou locais onde tais atividades podem ocorrer) e vigilância. Os produtos da empresa são usados por diversas instituições governamentais ucranianas, incluindo o Ministério da Defesa, o Ministério da Economia e o Ministério da Educação.

O *software* da Palantir, que usa inteligência artificial para analisar imagens de satélite, dados de código aberto, vídeos de drones e relatórios de campo para recomendar opções militares aos líderes militares, é responsável por grande parte dos alvos, de acordo com seu cofundador Alex Karp.

O INFERNO DE GAZA

Em sua operação militar em Gaza, Israel fez uso extensivo de pelo menos dois sistemas baseados em inteligência artificial. Exemplos:

O Evangelho (o nome é realmente sugestivo...) processa milhões de pontos de dados para identificar rapidamente edifícios e outras estruturas de onde militantes palestinos podem operar, transformando-os em alvos para destruição.

O segundo, chamado **Lavender**, identifica supostos membros da ala militar do Hamas e da Jihad Islâmica, processando também uma infinidade de dados, desde grampos telefônicos até participações em grupos do *WhatsApp*². O programa então elabora uma classificação de prováveis membros, variando de 1 a 100. Os indivíduos no topo dessa classificação são monitorados por um sistema chamado “*Where’s Daddy*” (“Onde está o papai?”), que envia um sinal quando o suspeito retorna para casa, onde ele (e sua família) podem ser bombardeados.

² **DAVIES, Harry; McKERNAN, Bethan; SABBAGH, Dan.** “The Gospel’: how Israel uses AI to select bombing targets in Gaza. *The Guardian*, 1º de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/dec/01/the-gospel-how-israel-uses-ai-to-select-bombing-targets>.

OUTRAS APLICAÇÕES

Como você pode ver, as aplicações militares da IA são extremamente variadas e vão desde os chamados Sistemas de Armas Autônomas Letais (LAWS) até segurança cibernética e tomada de decisões estratégicas. A IA tem o potencial de mudar todos os aspectos da guerra, desde sistemas de armas até cadeias de suprimentos, estratégias militares, gerenciamento de campo de batalha, protocolos de treinamento, gerenciamento de dados e operações de vigilância e monitoramento.

Por um lado, a inteligência artificial é capaz de melhorar muito a eficiência militar e o processo de definição e destruição de alvos – e, portanto, a letalidade da guerra – mas, por outro, pode determinar erros fatais resultantes do mau funcionamento do *software* que a governa.

A falta de uma estrutura de governança internacional para IA militar representa riscos à segurança global. Quem está trabalhando para definir padrões globais e garantir o uso responsável da IA na guerra? Essa lacuna deixa uma categoria tecnológica poderosa sem controle, aumentando os riscos à paz e à segurança internacionais, aumentando a proliferação de armas e colocando em questão o direito internacional.

Governos ao redor do mundo estão competindo pela liderança em tecnologias emergentes e disruptivas (EDT) e lidando com as implicações profundas e transformadoras da IA. Enquanto isso, empresas de tecnologia corporativa se juntaram a uma corrida armamentista multibilionária em IA generativa, competindo por investimentos de capital de risco em modelos básicos. Na batalha pela supremacia econômica e pela competição por padrões éticos, o equilíbrio global de poder é precário e os riscos são altos. Não somos nós que estamos dizendo, apenas compartilhamos com os nossos leitores³.

ADVERTÊNCIA SOMBRIA

Jake Sullivan – três dias depois de assumir o cargo de conselheiro de segurança nacional da Casa Branca e com amplo acesso aos segredos do mundo – nos deu um aviso assustador e pessimista. *“Os próximos anos determinarão se a inteligência artificial levará à catástrofe e se a China ou os Estados Unidos prevalecerão na corrida armamentista da IA.”*

Sullivan observou na entrevista que, diferentemente de avanços tecnológicos dramáticos anteriores (armas atômicas, espaço, Internet), o desenvolvimento da IA está fora das autorizações governamentais e de segurança e nas mãos de empresas privadas com o poder de estados-nação, escrevem Jim VandeHei e Mike Allen em uma coluna.

Sullivan falou com uma urgência e franqueza raramente ouvidas durante sua mais de uma década de vida pública.

³ **CSERNATONI, Raluca.** Governing Military AI Amid a Geopolitical Minefield. *Carnegie Endowment for International Peace*, 17 de julho de 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2024/07/governing-military-ai-amid-a-geopolitical-minefield?lang=en>.

De alguma forma, o governo terá que unir forças com essas empresas para nutrir e proteger a vantagem inicial da IA dos Estados Unidos – e moldar as regras globais para o uso de poderes potencialmente divinos, diz ele.

Se os EUA não fizerem isso direito, poderá ser *“dramaticamente negativo, incluindo a democratização de armas extremamente poderosas e letais, interrupção e deslocamento massivo de empregos e uma avalanche de desinformação”*.

Manter-se à frente na corrida armamentista da IA faz com que o Projeto Manhattan durante a Segunda Guerra Mundial pareça insignificante e os debates convencionais sobre segurança nacional pareçam sem sentido. É potencialmente existencial e tem implicações para todas as nações e empresas.

NA ARGENTINA

O Regime de Incentivo a Grandes Investimentos (RIGI) estabelece uma estrutura legal favorável que oferece múltiplos benefícios fiscais, alfandegários e cambiais, atraindo investimentos estrangeiros significativos. Além disso, a disponibilidade de energia (barata) graças aos recursos de gás em Vaca Muerta, a disponibilidade de climas frios (esses sistemas precisam de frio) e a infraestrutura de conectividade fornecida pela ARSAT colocam a Argentina em uma posição vantajosa para hospedar *data centers* com alta demanda por computação e armazenamento. Todas as plataformas de IA exigem servidores com múltiplas GPUs para funcionar, assim como a mineração de criptomoedas (estamos ligando os pontos aqui?). Essas plataformas exigem: conectividade internacional e nacional de alta largura de banda e grandes quantidades de energia elétrica para alimentar e resfriar as GPUs. O leitor pode se perguntar se isso beneficiará nosso país. Alguns especialistas respondem:

“Como os serviços serão para o exterior, pelo que vemos será uma contribuição próxima de 0%, a única coisa que podemos observar é que gerará, em uma primeira etapa, uma contribuição para a construção civil dos data centers. Quanto à contribuição genuína do trabalho, será muito baixa, pois esses data centers não exigem uma grande equipe no local, o monitoramento e as manobras são feitos quase 100% remotamente de qualquer ponto do mundo.”

O Estado nacional deve regular esse tipo de atividades e recursos para que eles beneficiem nossa soberania e nossos interesses nacionais e não acabem nos bolsos de alguns bandidos. Como aconteceu tantas vezes na história... *(Nota do tradutor: a mesma observação é válida para o Brasil).*

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
